

Leitura do mito da serpente em cobra norato, de raul bopp, e a serpente emplumada, de d. h. lawrence

Ana Leal Cardoso¹ (UFS)

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da nossa tese de doutorado defendida em janeiro de 2005, e nasceu da tentativa de buscar uma resposta para a motivação mítica em autores de países diferentes, quando fazíamos (ainda no mestrado) um curso sobre o Modernismo ministrado pela professora Dra. Claudia Canuto. Tínhamos já uma grande intimidade tanto com a lenda da Cobra Norato quanto com o poema homônimo de Raul Bopp, conhecimento adquirido no contato com a cultura amazônica do Acre, onde lá vivemos e atuamos como professora da UFAC – Univ. Federal do Acre; a comparação com o romance *A Serpente Emplumada* (1926) , de David H. Lawrence foi para nós um grande desafio, afinal, adentrar o terreno da literatura comparada é preparar-se para caminhar por trilhas diversas do pensamento humano.

Mais ainda, implica em desprezar fronteiras, penetrar em terras diferentes e descobrir que o Outro pode ser o Mesmo ou que o Outro pode ser simplesmente o Outro; é, portanto, valer-se da oportunidade de olhar longe, atravessar mundos, para ver de perto onde e como o Outro vive, pensa, fala e se constrói; é, enfim, estabelecer comparações – atitude normal do ser

¹ Ana Maria Leal CARDOSO do Departamento de Letras e Programa de Pós-graduação em Letras da UFS. Líder do grupo de Estudos de Literatura e Cultura-GELIC. Pesquisadora do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário-CEPESI.

humano, o que corrobora com a idéia de Tânia Franco Carvalhal (1986, p.8) para quem o exercício do comparatismo “colabora para o entendimento do Outro”; e nesse processo, a literatura comparada garante sua participação nos mecanismos de integração cultural.

O Modernismo (1988, p.32), como tantos críticos já observaram, é uma terra de contrastes. Se por um lado ele se interessa pelo futuro e pela máquina, por outro ele lamenta a perda da tradição ocidental (como primeiramente o sentiu T.S.Eliot em sua *Terra Desolada*). Se ele procura desabrochar numa geografia de cidades, no perfeccionismo estético e cultural de uma Paris e de uma Viena, logo vemos que ele envereda também por locais dos mais recônditos e primitivos, tentando muitas vezes não só retrata-los como objetos, mas penetrar em seus segredos de forma a incorporá-los à visão de mundo do Ocidente. Nestes objetivos por vezes paradoxais, a linguagem modernista freqüentemente se rende ao mito, reavaliando a solução conhecida e cristã – como acontece nos *Four Quarters* (quatro quartetos) – ou encontrando resposta num mundo estranho, distanciado pela história ou pela geografia: aquele do paganismo, tanto europeu quanto mundial.

Foi esta segunda a alternativa escolhida pelos escritores modernistas Bopp e Lawrence em *Cobra Norato* e *A Serpente Emplumada*, respectivamente. Em que pese a aparente diferença de intencionalidade – Bopp procuraria as raízes nacionais, enquanto Lawrence buscaria se distanciar delas –, a conclusão é uma comum tentativa de distanciamento do eurocentrismo. Se para esse escritor inglês isto implicava uma consciente ilustração literária dos paradigmas de Fraser, para Bopp, ao menos, ao nível do discurso, o mergulho no mito amazônico queria

representar uma originalidade paradigmática divorciada de quaisquer influências estranhas.

Não precisamos chegar às noções de intertexto veiculadas pela teoria literária das últimas décadas para percebermos a preocupação ingênua do brasileiro “independente” pregado pelo verde-amarelismo e antropofagismo de Bopp. Na verdade, os primitivistas brasileiros estavam tão abertos ao eixo Freud/Frazer/Lévy-Bruhl quanto suas contrapartes européias. O grupo antropofágico ao trazer consigo o sentido de retorno às origens (seu ponto de contato com o Modernismo Internacional) propõe a harmonização entre o Brasil do Sul (progressista) e aquele do norte ainda menino, selvagem e mágico.

Tentada a buscar uma resposta para essa motivação mítica entre os autores mencionados, tendo em vista que ambos os textos permitem uma análise da trajetória do herói, nosso problema é descobrir se a meta de Cobra Norato é igual à meta de Kate, considerando-se a hipótese de que ambos parecem estar vivendo o Processo de individuação.

Nossa abordagem da remitológização pauta-se no esquema do herói mítico traçado por Joseph Campbell (1993, p. 28-36), que vê na mitologia e nos rituais a chave para compreender os princípios permanentes e universais na natureza humana. Nos estágios da trajetória mítica do herói Campbell reconstrói uma história universal deste, similar ao Processo de individuação junguiano, englobando no monomito os elementos históricos e imaginários que possibilitam criar um modelo de indivíduo em transformação interior; ao lermos *Cobra Norato* e *A Serpente Emplumada*, reconhecemos nos protagonistas um sujeito milenar com várias identidades arquetípicas.

Bopp traz de volta a cobra ctônica, que se arrasta dentro das matas, que desliza e habita as grotas e fontes. Seu personagem Cobra Norato representa a serpente do paraíso, verme sem nenhuma evolução. Lawrence cria no seu texto imagens da serpente menos primitiva, mas igualmente arcaica; o que demonstra que tanto Bopp quanto Lawrence são dois escritores que se refugiaram no espaço imaginário em que se situam as imagens edênicas, com vigor do seu primitivismo paradisíaco e ficaram em êxtase com a redescoberta da natureza primal.

Este trabalho pretende fazer uma análise mítico-psicológica da serpente, mostrando através da comparação a relação dialógica entre mitologia e psicologia expressa nos textos *corpus*, frutos de uma base poética da mente. E que os mitos, as metáforas e os arquétipos que se manifestam em ambas as obras, são linguagens do inconsciente coletivo que irrompem no ato da criação. Optamos tanto pela teoria dos arquétipos de Carl Jung por constituir-se o método necessário para a nossa investigação, pois nos fornece o aparato teórico apto à sondagem do inconsciente como base poética da mente, quanto pela teoria de Joseph Campbell que estabelece a trajetória mítica do herói. Nos subsidiamos ainda, da *Poética do Mito* (1987) de Mielietinski por permitir um diálogo mais amplo com as principais teorias do mito e da literatura do nosso tempo.

A trajetória mítica do herói serpente nas Terras do “Sem-Fim”

O mito da jornada do herói estrutura o enredo do poema de Bopp. O esquema proposto por Campbell descreve a aventura segundo o padrão: separação, iniciação e retorno, apresentado nos rituais de passagem de diversas culturas e épocas, dentro dos seguintes acontecimentos: O herói, homem

ou mulher, é convocado por um arauto (o destino) para realizar uma tarefa difícil ou penetrar numa zona de perigo, vigiada por entes perigosos – os guardiões do limiar –, recebe o auxílio do guia, entra no ventre metafórico da baleia onde luta com um monstro terrível, ao vencê-lo, recebe como prêmio a cativa (o objeto da busca) e retorna triunfante para o seio da comunidade.

Esse esquema de Campbell encontra eco no processo de individuação definido por Jung que o conceitua como uma simbólica viagem do Ego em direção ao Self, o centro ordenador da totalidade psíquica, cujo intuito é promover mudanças psicológicas e renovação no campo pessoal – tarefa nada fácil – que começa com uma descida às camadas mais profundas da psique, portanto, ao inconsciente. À medida que vai se aprofundando, enfrenta os diferentes arquétipos, compara e reavalia os complexos, primeiramente a sombra, a fim de revitalizar-se e salvar a alma cativa (a anima), e por fim, destituir o Self da máscara social (a persona). Assim, libertar-se-á das forças dos arquétipos, integrando-os à sua personalidade, o que lhe propicia sabedoria e profunda espiritualidade. Portanto, a viagem de Cobra Norato serve para ressaltar os aspectos que porventura correspondam aos processos psicológicos, típicos da individuação.

O poema é composto de 33 cantos e ilustra o ciclo do herói moderno, cuja mente se abriu à plena consciência desperta. O canto I se nos apresenta como uma proposição em que o herói conscientizado da sua condição híbrida de ‘homem-cobra’, manifesta o desejo de fixar a condição humana; movido pelo desejo erótico segue em busca da filha da rainha Luzia – ser lendário do folclore da Amazônia – com quem pretende casar-se: “Um dia/ hei de morar nas terras do Sem-Fim/ vou

andando caminhando caminhando/ me misturo no ventre do mato mordendo raízes/ (...)/ Vou visitar a rainha Luzia/ quero me casar com sua filha” (BOPP,1994, p.3).

Cobra Norato é a saga de um eu poético que mergulha no mundo maravilhoso do sonho, encarna a cobra lendária da Amazônia e segue para as “ilhas decotadas” – as terras do Sem-fim –, em busca da mulher desejada. Este estágio que se refere ao “chamado da aventura”, segundo os padrões campbellianos, avidecia a convocação do destino e transferência do herói do centro da sociedade para uma região desconhecida, cujo arauto é a voz do inconsciente que se manifesta espontaneamente na intenção do herói de habitar as terras do Sem-fim, e casar-se com a filha da rainha Luzia, um desejo de construção da paridade contra-sexual. O termo “Sem-fim” remete para os horizontes sem fronteiras do imaginário, confirmando, dessa forma, a irrupção do inconsciente.

Segundo Campbell, a ‘aventura do herói’ pode-se dar sob várias formas, inclusive um convite, o que acontece com *Cobra Norato*: “Vamos passear naquelas ilhas decotadas? Faz de conta que há luar” (p. 3). Vivendo o maravilhoso, penetrando num mundo onde tudo é possível, o eu poético “brinca de estrangular a cobra” e veste sua pele de seda elástica, o que constitui o transporte da jornada (que dura cerca de 3 dias), camufla-se e corre para o mundo da selva, atingindo o primeiro limiar. A violência desse ato denuncia um gesto instintivo do herói e proclama sua atitude de defesa contra os arquétipos. Entretanto, matar a cobra e se vestir com seu escalpo significa para este herói um disfarce para penetrar na ‘terra do tesouro’, pois se assemelha à *Cobra Grande*, contra quem terá que lutar para se apossar da “filha da rainha Luzia” que está sob sua

propriedade; por outro lado, a casca da serpente facilita sua mobilização na floresta, uma vez que na condição de simples homem, não superaria os obstáculos.

Contudo, para realizar seu intento, o herói deverá mergulhar no sono e vencer etapas probatórias no mundo onírico, uma vez que sua aventura encontra-se no mundo imaginário. Logo no início da trajetória, ele tem que passar por uma espécie de “prova de competência”, visando seu adestramento heróico: “ – Então você tem que apagar os olhos primeiro/ O sono escorregou nas pálpebras pesadas/ um chão de lama rouba a força dos meus passos” (p.3). Após matar a cobra, algumas tarefas lhe são impostas. Vencidas todas elas, Cobra Norato após “passar por sete portas” chega à floresta (o inconsciente), cujos terrores pânticos metaforizados pelos gritos de “ – Ai me acudam!” (p. 5), são medos das revelações do desconhecido. Assim, o pavor da “sombra que esconde as arvores” (p.5) representa o temor ancestral da floresta e dos rios, que o inconsciente coletivo guarda como lugar onde habitam seres que devoram ou destroem o homem. Não obstante os perigos, o herói é cada vez mais atraído pela majestosa floresta. Essa atração significa, do ponto de vista psicológico, um rompimento com o mundo real e, conseqüentemente, um retorno às origens, à Grande Mãe.

Assim como na visão mágico-poética referente ao reino encantado dos contos de fada, o caminho que leva à filha da rainha Luzia é igualmente guardado por sentinelas. Ao adentrar a “floresta cifrada” (p. 5), o herói Cobra Norato é interceptado por diversos sapos “Sapos beijiudos me espiam/ onde vais Cobra Norato” (p. 6), eles metaforizam os guardiões do limiar de passagem. Porém, com a ajuda de alguns amuletos doados

pelo Pai do mato (o guia transpessoal), o herói serpente vence a todos, e segue a jornada por terra e por água.

Mais adiante, cai num charco e dessa vez recebe ajuda do Tatu-de-bunda-seca (o guia de passagem), “– Olelé. Quem vem lá?/ Eu sou o Tatu-de-bunda-seca/(...)/ me ensine a sair desta goela podre”(p.14). O Tatu não só o ajuda a sair do atoleiro, como o conduz pela escuridão da selva. No caudal psicológico o guia pode ser personificado como uma figura real que conduz o ‘sonhador’ pelo reino interior da experiência, ou poderá também manifestar-se de modo muito sutil, na forma de um palpite ou uma intuição, que, se obedecida, revela-se a coisa certa. Enquanto descansa Cobra Norato pensa em assistir ao casamento da Cobra Grande com uma bela donzela, fato que acontecerá no dia seguinte. À entrada do buraco da Boiúna (local da boda), descobre que a noiva é exatamente àquela com quem deseja se casar: “ Esta é a entrada da casa da Boiúna/ cururu está de sentinela/desço pelos fundões da grota/(...)sabe que é a moça que está lá em baixo nuinha em flor?/ – É a filha da rainha Luzia” (p. 52).

Trava uma luta com seus oponentes: primeiro, os sapos “beçudos” depois, contra a própria Cobra Grande, de quem foge, auxiliado pelo Pai do mato, que metaforiza do ponto de vista mítico, o guia transpessoal: “ – Então corra com ela depressa/não perca tempo, compadre/ Cobra Grande se acordou” (p. 53). Ao final, sagra-se vencedor e recebe a cativa como prêmio, mas não retornou ao local de onde partiu, preferiu seguir o curso do seu caminho de volta para o Sem-fim, permanecendo mergulhado no sonho.

EM BUSCA DA SERPENTE EMPLUMADA

A aventura de Kate nas terras primitivas mexicanas metaforiza o drama da busca da identidade feminina, que engloba a tentativa de resolver seus problemas pessoais e afetivos, típicos daquele que vive em conflito com o animus; assim, abordamos alguns dos arquétipos presentes na individuação, tais como: Sombra, Persona, Anima/Animus e Self.

A personagem Kate representa o padrão arquetípico da mulher medial que experimenta uma depressão profunda causada pela morte do marido e pelos traumas oriundos de relacionamentos incompletos acumulados ao longo da vida. Convocada pela “voz interior” para avaliar os erros existenciais, vai à luta pela renovação pessoal e social através da ampliação da consciência. Essa transformação que se processa ao nível da alma visa tão somente à unificação da personalidade, e, para que tal processo ocorra com sucesso, ela sacrifica o monstro ego buscando renascer para a totalidade sélfica.

O romance *A Serpente Emplumada* narra a história de Katherine Leslie (Kate), uma bela e requintada irlandesa prestes a completar 40 anos, que encontra-se, por ocasião da morte do segundo marido, em profunda depressão, fato que inspira o primo Owen a lhe fazer o convite para seguir em sua companhia na viagem para a América. Admitimos ser este o primeiro chamado à aventura, uma vez que sua trajetória mítico-psicológica segue também o mapa da jornada do herói segundo Campbell, dividindo-se em dois momentos com diferentes motivos de busca. Ela segue com o primo sem nenhum entusiasmo, mas levada por grande expectativa de renovação interior, pois, segundo o narrador a protagonista “como a

maioria das pessoas de seu tempo, estava decidida a ser feliz” (LAWRENCE, 1994, p.8).

Kate chega ao México, logo após a Páscoa. A narrativa enfatiza que a cidade do México possuía “uma feiúra subjacente, uma espécie de maldade esquálida, vulgar” (p. 32) e a protagonista temia à idéia de que “algo pudesse tocá-la naquela cidade, contaminando-a com seu mal rastejante” (p.17). O herói em questão vive a sensação do abraço sufocante da serpente simbólica ao caminhar pelas ruas daquela terra do cacto. Não obstante ser um país em que uma mulher não pudesse permanecer facilmente sozinha, Kate estava fascinada pelo México, sentindo-se como um pássaro envolto por uma serpente, na verdade, estava seduzida pela Grande Mãe.

As emoções repulsivas de Kate ao mundo primitivo do México, em que materiais se congregam em configurações próprias, desafiando o racional, produzindo o inesperado, iniciam-se logo no primeiro dia em que ela vai ao estádio assistir a uma tourada e fica estarecida diante de tanto sangue derramado. Este episódio agencia uma forte pressão psicológica e promove uma mudança de comportamento na personagem, de modo que ela não conseguia achar um motivo para continuar naquele país “opressivo e medonho” (p.30).

Esse retorno ao México, portanto, ao passado arcaico, inscreve-se como um ritual iniciático da trajetória de transformação, que teve seu começo com o deslocamento espacial. Na jornada do herói, um dos grandes obstáculos é o medo de enfrentar o desconhecido, e o México representa uma grande ameaça para Kate. Nesta primeira fase, Owen metaforiza o arauto e, por algum tempo, o guia, acompanhando-a a diferentes lugares, dentre eles à casa da Senhora Norris (seu

primeiro auxiliar externo), em cujo lugar conhece Dom Ramón Carrasco “um espanhol de meia idade, usava um grande bigode negro, (...) um grande intelectual” (p.29), e o general Viedna, um índio nativo que “Era bem mais baixo que ela. (...) homenzinho estranho, distante, mas seguro, um verdadeiro índio falando inglês.(...) sentiu nele uma espécie de desejo por ela” (p.31).

A segunda etapa da jornada da protagonista que “tinha o dom de parecer uma deusa cheia de força feminina” (p. 45), refere-se à aventura propriamente dita, e começa com o quadragésimo aniversário de Kate durante o qual ela toma consciência de que atravessa uma fronteira: já não mais tinha a juventude de outrora, restava-lhe apenas o desconhecido. A personagem vivencia a metanóia (que geralmente ocorre entre os 38 e 55 anos), fase em que ocorre uma queda da virilidade, causando angustia e depressão,o que corresponde àquilo que Jung chama de processo de individuação. A narrativa enfatiza que nos dias que anteciparam o seu aniversário, Kate sentia-se “inquieta, sofrendo do mal-estar que tortura o íntimo naquela terra do cacto” (p. 72).

O México desencadeou em Kate momentos difíceis, repletos de intensa angústia o que contribuiu para uma ruptura na forma de ver e conduzir a vida. A angustia é um sintoma de que algo não está em harmonia no seu universo psíquico, “ ela estava cansada, incapaz de até mesmo soluçar para que os deuses restituíssem a magia de sua vida e a salvassem da podridão do mundo estéril” (p.78). Começa um novo ciclo que requer um afastamento do mundo “civilizado” e cheio de automatismo, na busca do seu verdadeiro eu, do ponto de vista psicológico, o Self entra em ação e emite um convite para que se resolvam situações difíceis, através da reflexão.

Algumas semanas depois de sua chegada ao México, ainda desmotivada a permanecer naquele país e rejeitando qualquer coisa que pertencesse à cidade e aos habitantes, Kate depara-se com uma notícia de jornal, anunciando o retorno dos antigos deuses astecas na cidade veraneio de Sayula: “Os Deuses da Antiguidade Estão Voltando ao México” (p.42). O fato lhe chama a atenção, motivando-a buscar o sentido do anúncio e um lenitivo para a sua vida. Por alguns instantes a protagonista “fechou os olhos e desejou ter um deus para si” (p. 43); a notícia funciona como um segundo arauto, no contexto da travessia mitológica de Kate. Ela queria saber “o que estaria por trás daquilo tudo (p.43). porém, a notícia era apenas um atrativo pois tanto Dom Ramon quanto Cipriano “Desejavam que ela seguisse o plano”(p.62).

Cansada das normas européias estabelecidas que a aprisionavam segue para Sayula – metáfora do “ventre da baleia” –, local sagrado em que viverá momentos conflituosos e de inúmeras descobertas. Inicia-se a viagem do herói pela noite escura da alma. Kate é conduzida ao longo do rio e também pelo lago, por um barqueiro aleijado: “tinha os pés voltados para trás. Mas era vigoroso e rápido” (p.67), uma representação do mito de Caronte.

A beleza do lugar lhe chama a atenção: “A paisagem era tranquila, quase japonesa. (...) as árvores em frente às casas pareciam mergulhadas em folhagens e flores de um escarlate berrante” (p.81). Aluga uma casa nas proximidades da praça da Igreja, em cujo centro ela ensaia alguns rituais ao som dos tambores dos Homens de Quetzalcoatl, sentindo-se totalmente atraída por seus corpos “macios e bronzeados”(p. 68), despertando-lhe atração e repulsa ao mesmo tempo. Do ponto

de vista psicológico, o *ego* é confrontado com o arquétipo do animus.

Ao procurar Ramón e Cipriano recebe um convite para juntar-se a eles, a fim de trazer de volta o panteão dos deuses mexicanos, do qual ela seria a deusa Malintzi, e teria como esposo o deus da guerra Huitzilopochtli. Kate vive o conflito de casar-se ou não com um ser que lhe parecia inexpressivo, e cujo corpo lhe lembrava uma serpente. Na verdade, ela sentia-se atraída por Ramón, a própria encarnação do Deus da sabedoria Quetzalcoatl (seu *animus* positivo); mas sendo ele casado, via na união proposta a possibilidade de manter-se próxima ao seu deus. O ritual do casamento é seguido pela cerimônia de posse de Huitzilopochtli como o Primeiro Homem de Quetzalcoatl, e Kate é convidada a sentar-se ao lado de ambos, formando a tríade dos deuses mexicanos. Assim, Kate assume a sua nova identidade em meio a um ritual que tem o efeito de suspender o tempo real para ela. Aquele momento mágico registra seu duplo renascimento: ao receber um novo nome, ela experiencia um renascimento mítico; e ao unir-se ao deus serpente ocorre, do ponto de vista junguiano (2000, p.56), a *cointidentia oppositorum*, ou união dos contrários.

A narrativa aponta características da protagonista que se assemelham às de uma serpente, o narrador ressalta: “ela ri venenosa” (p.12). Ao acompanhar o marido para os mergulhos matinais (rituais de purificação) no lago, depara-se com uma pequena serpente sobre uma pedra: “naquele momento sentiu entre si e a serpente uma espécie de reconciliação” (p.313). Do ponto de vista psicológico, em Kate se processa uma reconciliação com as partes negadas de si mesma, causando uma mudança que se expande para além do espírito. Aos poucos

compreende que os relacionamentos pessoais são a base para se viver, e que tudo o que via no Outro, nada mais era do que a complementação do seu Eu verdadeiro. Como serpente, nela se operou uma metamorfose que resultou uma “troca de pele”. Emma Jung destaca que os rituais descrevem, em termos psicológicos, a amplificação e iluminação da consciência. Na verdade, ocorre uma transferência da energia para novos rumos “uma espécie de desvio do percurso natural, um empreendimento perigoso e apaixonante, ligado aos ritos religiosos (...) com sua vivência de morte e ressurreição simbólicos” (1995, p. 22).

O esquema de Campbell estabelece que ao final da jornada o herói precisa voltar triunfante ao lugar de onde partiu. No caso de Kate, houve uma recusa – sua trajetória mítica foi interrompida –, ela preferiu ficar ao lado do deus Quetzalcoatl, seu objeto de busca. Porém, sua individuação se deu por inteira, ela retorna às origens depois de receber um “chamado” do Self, enfrenta todos os arquétipos e os integra à sua personalidade, de modo que conquista a sua Totalidade psíquica através do duplo renascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da nossa análise ressaltamos aspectos pertinentes às trajetórias de ambos os heróis. Porém, cabe agora dar uma resposta para a pergunta que me inquietou, e que diz respeito à ‘meta’ de ambos os heróis. Apesar das diferenças explícitas entre *Cobra Norato* e *A Serpente Emplumada* (tais como os mitos diversos que narram e a diferença de sexo dos

protagonistas, mais importante no âmbito da crítica feminista), sentimos que as semelhanças têm ponto de destaque. O primeiro ponto em comum diz respeito ao estilo de época que caracterizam: o Modernismo. Este trazia, dentre outras propostas, o retorno ao primitivo; Bopp e Lawrence concretizam o mergulho nas fontes primitivas através de suas viagens para a Amazônia e México, respectivamente. As obras apresentam uma intertextualidade no que diz respeito à temática: o mito da serpente e aos motivos mitológicos. São abundantes as expressões de movimento a denunciar o curto tempo de que parece ser escravo o homem moderno.

O banho ritual que faz parte da travessia do herói é presença marcante em ambas as obras: cansado, Cobra Norato mergulha nas águas como que para se (re) energizar: “– Vou refrescar o corpo com um mergulho/ se eu demorar muito você me chame” (p.21); Kate no decurso de sua viagem “banhou-se na água embaciada, mal parecia água” (p. 72). A água confere um novo nascimento por um ritual iniciático; ele representa as pulsões atuantes da vida: a de Eros e a de Thanatos, as forças construtivas e destrutivas presentes em tudo. A imersão significa eliminar o ser anterior através da purificação; a emersão corresponde à revelação e o surgimento de um novo ser regenerado, numa analogia ao batismo.

O motivo da dança é outro ponto em comum: Cobra Norato ao chegar ao Caxirí (a casa das farinhas) dança com a dona da casa: “Puxe mais um chorado na viola, compadre/ (...)/ mexa o corpo velho/ Trance pernas com a moça, compadre” (p. 36). A narrativa de *A serpente emplumada* ressalta que Kate após receber incentivo de Joana, dança com um desconhecido: “Kate percebeu a mão do homem, quente, morena e selvagemmente

suave, segurou de leve, quase com indiferença os dedos conduzindo-a à roda. (...) Ela suspirou, em seu vestido verde sentiu-se novamente virgem” (p.97). Através da dança os heróis participam do Tempo Primordial.

O teriomorfismo tem lugar de destaque em ambos os textos. Os heróis recebem auxílio de animais. O motivo do “adestramento” heróico é outro ponto de ligação, Cobra Norato mata a cobra e veste-se com sua pele (que também tem a função de proteção); semelhante cena ocorre no texto de Lawrence com o personagem Ramón, que ao encarnar o deus Quetzalcoatl, veste a pele da serpente e ainda incentiva seu grupo a fazê-lo. Segundo Larsen (1987, p.181), nossas raízes mitológicas encontram-se no reino dos animais e nas infundáveis eras, hoje esquecidas, da caça paleolítica; e a nossa psique foi modelada pelos nossos poucos milhões de anos de existência terrestre, então os animais são nossos mais velhos mestres.

Tanto *Cobra Norato* quanto *A serpente Emplumada* estão fundamentadas em lendas e mitos regionais. O mito básico a partir do qual se organiza a idéia central do poema de Bopp é o mito da Cobra Grande (Boiúna), gênio maléfico das águas, criador de uma atmosfera de verdadeiro terror cósmico que perpassa o poema, como contraponto da ação narrativa, potestade que transforma a floresta em inimiga do homem e com a qual estabelece a luta do herói Cobra Norato. Lawrence também buscou na lenda asteca da Serpente Emplumada, o sustentáculo para seu romance, trazendo à tona o mito de Quetzalcoatl (o deus da sabedoria) numa feição européia. Porém, *Cobra Norato* na sua autenticidade de lenda, narra em verso a saga do mito amazônico, o que configura o mito vivo, retirando toda possibilidade de verossimilhança. Já Lawrence

recria em seu romance os mitos astecas, e é através do personagem Ramón que o mito “vivo” é experimentado. É necessário uma verossimilitude para que o personagem europeu reencene para o leitor o ritual arcaico.

Enquanto o leitor de *Cobra Norato* é posto em contato direto com o mito, em *A Serpente Emplumada*, o mito é recriado com elementos europeus de forma a não apenas torná-lo atual e relevante para o leitor ocidental, como também para mostrar a esse mesmo leitor que a sua psique tem elementos análogos à psique primitiva. O que reitera a teoria de Jung que afirma ser a ‘formação de mitos’ um processo psicológico que constitui um traço essencial da psique humana, cuja existência pode ser demonstrada tanto no homem primitivo quanto no homem moderno.

No âmbito das etapas da jornada do herói pertinentes ao esquema de Campbell, podemos afirmar que a última etapa referente ao retorno triunfante do herói para o seio da coletividade inexistente em ambas as obras: tanto *Cobra Norato* quanto *Kate* preferem permanecer no local para onde partiram, em busca da realização dos seus sonhos.

O segundo aspecto da nossa comparação está centrado nas diferenças encontradas entre *Cobra Norato* e *A Serpente Emplumada*. O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao gênero literário: a primeira obra é um poema épico moderno; a outra é um romance. *Cobra Norato* é um herói masculino e *Kate* um herói feminino. Enquanto a busca de *Kate* se apóia no mito da serpente, colhida do folclore e das lendas astecas, *Cobra Norato* é o próprio mito. Enquanto que no poema de Bopp temos um herói padrão, isto é, o jovem, masculino, que executa o mito vivo e experimenta o maravilhoso ao ‘cair’ no

inconsciente, e cuja busca é social; no romance de Lawrence temos Kate, uma mulher madura vivenciando a metanóia, período em que converte o inferno da depressão através do contato com a realidade transpessoal, e cuja busca é espiritual.

Assim, respondendo a nossa pergunta em relação à meta dos heróis em questão, podemos afirmar que, apesar de ambos seguirem um caminho que os conduz ao objeto de suas buscas, suas metas são diferentes, considerando-se que não admitimos que Cobra Norato experencia a individuação. Tudo o que desejava era tão somente o gozo de estar com a mulher amada, portanto, a alma, não se importando com o futuro. Diferentemente do que ocorre com o herói serpente do poema de Bopp, a personagem Kate experencia todas as etapas da individuação, e vive sua jornada de “renascimento” espiritual. O fato de ela preferir ficar no México onde encontrou o amor da sua vida (o índio Cipriano), e ao lado do deus a que buscava, mostra uma tomada de consciência no que diz respeito àquilo que verdadeiramente dava sentido à sua vida. Através da sua relação com índio Cipriano descobriu possuir ele “o sexo mais amplo, capaz de encher o mundo inteiro de cintilações” (P.323), e sobre o qual ela não ousava pensar. Então começa a pensar: “por que ir embora? É melhor ficar aqui onde minha alma é menos árida, vibrando com o som dos tambores e o grito de Quetzalcoatl” (p. 324).

Ao penetrar nas terras primitivas do México Kate vai aos poucos se desnudando (inconscientemente) da máscara da civilização, revelando-se ‘serpente’, o que dá à obra de Lawrence um caráter ambivalente: tanto caracteriza o mito asteca, quanto a heroína que se veste com plumas, artefato feminino da sedução. Ao final da narrativa, Kate tornou-se a

“velha sábia”, o que lhe valeu duplamente o título de deusa: Malintzi (deusa do panteão mexicano) e Sofia (deusa da sabedoria), mostrando ser digna de estar ao lado do Deus Quetzalcoatl.

Bopp e Lawrence ao remitologizar a serpente – um dos mitos que melhor representam as fantasias do homem de todos os tempos – , impregnam suas narrativas com invejável força poética. Como modernistas, se serviram do mito para denunciar o velho modelo de comportamento e anunciar um outro latente, baseado na natureza impessoal de um Eu que se encontra numa “gangorra” entre atração e repulsão face à determinadas situações da vida. Revisitar o arcaico para extrair o novo – uma das propostas do Modernismo Internacional – corresponde, na visão da psicologia moderna, trazer à luz da consciência o deus imanente vital (Self), que, como a serpente uroboro está no início e no final da busca.

As obras analisadas evidenciam não só um mergulho nas fontes primitivas, visando a compreender o homem moderno, mas agenciam do ponto de vista cultural, a harmonização entre o primitivo e o civilizado; e do ponto de vista psicológico, a união entre a consciência e o inconsciente. Assim, a serpente – um mito presente em todas as épocas e culturas – ressurge ao final da nossa análise como ulterior ao desenvolvimento psíquico individual, como símbolo da união dos contrário (masculino e feminino), da integridade e plenitude recuperadas da vida; o lugar da transfiguração e da iluminação, do fim, assim como do início da aurora primordial.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVERBUCK, L.M. *Cobra Norato e a revolução caraíba*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- BECKET, Fiona. *The Complete Critical Guide to D. H. Lawrence*. New York: Routledge, 2002.
- BOPP, Raul. *Cobra Norato*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- BRITO, M. da S. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. [1958]. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1988.
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CARVALHAL, T. Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FERREIRA, J.P. Febre da mitologia e a poética de Malientiski. In: *Revista de Literatura II*, 1999. <http://www.usp.br/revistausp/n2/22 febr.html.p.8>
- GARCIA, O. M. *Cobra Norato: O poema e o mito*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.
- JUNG, C. Gustav. *Símbolos da transformação*. Tradução de Eva Stern. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- _____. *Psicologia e religião*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Emma. *Animus e anima*. Tradução de Dante Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1995.

LARSEN, Stephen. *Imaginação mítica*. Tradução de Waltencir Dutra. São Paulo: Editora Campos, 1987.

LAWRENCE, D.H. *A serpente emplumada*. Tradução de Aurea Weisenberg. São Paulo: Tecnoprint S. A., 1989.

MALIETINSKI, E. *A poética do mito*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

TORGOVNICK, Mariana. *Paixões primitivas*. Tradução de Leonardo Froes. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

